



A COMISSÃO LEONINA, 125 ANOS DEPOIS DE SUA FUNDAÇÃO, SE ESTABELECE EM PARIS*.

Adriano Oliva, OP – Commissio Leonina.

Resumo: A origem, desenvolvimento histórico e atuais projetos da Comissão Leonina, que está encarregada da edição crítica das obras completas de S. Tomás de Aquino.

Palavras-chave: Tomás de Aquino, Leão XIII, Comissão Leonina, obras, edição crítica.

Abstract: The origin, historical development and current projects of the Leonine Commission, which is in charge of the critical edition of the complete works of St. Thomas Aquinas.

Keywords: Thomas Aquinas, Leo XIII, Leonine Commission, works, critical edition.

1. “QUO LATIUS SPARGATUR AC DISSEMINETUR ANGELICI DOCTORIS SAPIENTIA”¹.

Com estas palavras, em sua carta *Iampridem considerando*, publicada em 15 de outubro de 1879, Leão XIII indicou sua motivação para promover uma nova edição das obras completas de Santo Tomás de Aquino: “para que assim a sabedoria do Doutor Angélico possa ser propagada e espalhada tão amplamente quanto possível”. E o Papa julgou tal empresa “tão importante, porque pertence fortemente ao bem comum da Igreja”. (*Confidimus enim in re tam gravi, quae ad commune Ecclesiae bonum magnopere pertinet, adfore nobis divinam opem...*)².

A Carta *Iampridem considerando* foi uma espécie de decreto que efetivou as recomendações da recente encíclica *Aeterni Patris* (4 de agosto de 1879), em que cadeiras acadêmicas na doutrina do Doutor Angélico foram instituídas e a

* Este texto foi o resultado de uma comunicação no Congresso sobre Tomás de Aquino, *A Panorama of Current Research on Thomas Aquinas*, ocorrido na Universidad de Navarra, de 25 a 27 de Abril de 2005. A comunicação era intitulada “The Leonine Commission, 125 years after its founding, settles in Paris” e foi publicada originalmente, em versão inglesa, num número monográfico da *Anuario Filosófico*: ALARCÓN, E. *Thomism Today*. Pamplona: *Anuario Filosófico*, 39/2 (2006), 497-520. Agradeço ao Pe. Adriano Oliva, OP, ao Prof. Dr. Enrique Alarcón, à *Fundación Tomás de Aquino* e à revista do Departamento de Filosofia da Universidad de Navarra *Anuario Filosófico*, por permitir a tradução e publicação deste estudo em *aquinate.net*. A tradução é de Daniel Nunes Pêcego.

¹ LEÃO XIII, “Carta *Iampridem considerando*”, 15 de outubro de 1879 (ed. Leon., t. I, p. xxi).

² *Ibid.*

Academia de Santo Tomás em Roma foi criada. Junto com essas duas iniciativas, a carta papal decretou que a edição completa das obras de Santo Tomás deveria ser impressa, considerando que a edição *Piana* de 1570 não era facilmente acessível e que as coleções de suas obras que haviam sido recentemente impressas – em particular a edição de *Parma* (25 volumes, 1852-1873) e a edição *Vivès* (34 volumes, 1871-1872) – sofriam de uma dupla deficiência: na qualidade da impressão e na completude das obras do Santo Doutor.

Por isso, a nova edição antes de tudo devia remediar essas duas deficiências, mas também tinha que produzir uma revisão crítica do texto, “baseando-se nos manuscritos recentemente descobertos e que, portanto, voltaram a estar a serviço em nossa época” (*accurateque emendata; iis etiam adhibitis codicum manu scriptorum subsidiis, quae aetate beam nostra in probroad lucem et usum sunt*)³.

Em obediência à Carta *Iampridem considerando*, datada de 15 de outubro de 1879, a Ordem dos Pregadores (Dominicanos) foi imediatamente encarregada de procurar os manuscritos das obras de Santo Tomás: isso é provado em uma carta de 9 de novembro de 1879, dirigida a toda a ordem, pelo Padre Giovanni Maria Sanvito, que à época governava os dominicanos como Vigário Geral da ordem. Essa carta – publicada pelo Padre P. M. de Contenson em um famoso artigo dedicado às origens da Comissão Leonina⁴ – começa anunciando a toda a ordem a iniciativa de Leão XIII de começar uma nova edição das obras completas de Santo Tomás; ela continua, depois, mencionando que alguns membros da ordem estavam já pesquisando, nas mais importantes bibliotecas da Europa, os manuscritos das obras do Doutor Angélico. Além disso, ele observa que outros frades, eruditos e experientes, estavam se aplicando diligentemente (*desudant*) à revisão da edição *Piana*, corrigindo-a e melhorando-a através dos manuscritos.

Essa carta e os resultados do trabalho daqueles “*ex Ordine doctissime Viri*” são importantes em vários aspectos. Antes de tudo, ela mostra que, vinte e cinco dias depois da Carta *Iampridem considerando*, dois grupos de frades já estavam trabalhando na nova edição, antecipando o decreto do Papa: fazendo a pesquisa necessária para completar a edição *Piana*, procurando por obras não publicadas de Santo Tomás com que corrigissem esta edição em todas as bibliotecas possíveis. Em segundo lugar, essa carta revela as tentativas do Papa

³ *Ibid.*

⁴ DE CONTEYSON, M. “Documents sur les origines et les premières années de la Commission Léonine”, *In St. Thomas Aquinas 1274-1974. Commemorative Studies*, vol. II, Toronto, 1974, p. 354 [331-388].

em promover essa edição revisada, já chamada “Leonina”⁵ na carta do Frei Giovanni Maria Sanvito: Leão XIII não tinha em mente o lançamento de uma nova edição crítica das obras do Aquinate, mas sim apenas uma boa revisão da edição Piana de 1570, completando-a com algumas recém-descobertas obras genuínas nela faltando. O uso de “manuscritos recentemente descobertos e que por isso voltaram ao uso”⁶, aos quais a carta papal faz referência, não tem relação com o restabelecimento de um texto crítico (algo que era uma verdadeira novidade à época), mas simplesmente consiste em se valer da tradição manuscrita para corrigir textos que eram considerados insatisfatórios: algo que tem sido praticado desde antes da invenção da imprensa! Por outro lado, a referência ao método de preparação da nova edição, contida na Carta *Iampridem considerando*, desapareceu nos últimos escritos de Leão XIII.

E de fato quando, em 18 de janeiro de 1880, em seu *motu proprio* “*Placere Nobis*”, o Papa determinou que três cardeais (De Luca, Simeoni e Zigliara) presidissem esses trabalhos de revisão (*edizioni [...] praeesse*)⁷, não havia nenhuma referência a qualquer método particular para conduzir o trabalho. No entanto, um novo elemento surgiu: a velocidade em que cada novo volume deveria aparecer seria estabelecida pelos cardeais.

Foi ainda apontado pelo Padre P. M. de Contenson que o *motu proprio* não instituiu uma comissão de cardeais, mas antes direcionou pessoalmente os três cardeais a assumirem a tarefa. A seleção desses cardeais, por outro lado, é especificada neste documento: Cardeal De Luca como Prefeito de Estudos; Cardeal Simeoni como Prefeito da *Propaganda Fide* (e por isso, também encarregado da Editora Vaticana, onde a nova edição deveria ser impressa); e o Cardeal Zigliara, já que era um eminente discípulo de Santo Tomás (*ad disciplinam S. Thomae apprime institutum atque eruditum*)⁸. Entretanto, a “Comissão Leonina” como tal não tomou sua forma corrente até os anos de 1934-1935; contudo, ao menos desde 11 de dezembro de 1882, os frades que trabalharam na *editio Leonine* foram agrupados em um *Collegium Editorum Operum Sancti Thomae Aquinatis*⁹. A expressão “*editio Leonine*” era já utilizada na carta que o Vigário Geral, Frei G. M. Sanvito, enviou a toda Ordem Dominicana em 9 de novembro de 1879, e seria consagrada na dedicatória do primeiro volume da série ao Papa Leão XIII.

⁵ Ver DE CONTENSON, p. 354. A dedicatória a Leão XIII no primeiro volume da edição (1882), a chama precisamente de “lenonina” (ed. Leon., t. 1).

⁶ *Ibid.*

⁷ “Editioni autem curandae destinamus ac praecipua auctoritate praeesse volumus tres sanctae Romanae Ecclesiae Cardinales”. *Placere Nobis*, 18 de janeiro de 1880 (ed. Leon., t. I, p. xxv).

⁸ *Ibid.*

⁹ Ver DE CONTENSON, p. 332, n. 3.

O que sabemos sobre o trabalho empreendido no amanhecer desse empreendimento de publicação?

Para obter uma resposta é suficiente se referir aos próprios volumes dessa coleção. O primeiro volume apareceu em julho de 1882, apenas dois e anos e meio depois do começo da empresa. Na sua introdução, o Cardeal Zigliara explica como a revisão do texto foi conduzida: os religiosos que procuraram as cópias das obras de Tomás nas bibliotecas européias compararam o texto da *Piana* com os manuscritos então descobertos e comunicaram as variantes textuais à equipe de frades que, em Roma, estavam encarregados de promover a revisão¹⁰. Onde quer que o texto da *Piana* tivesse que ser corrigido, isso foi feito baseado nas leituras dos manuscritos, seguindo, entretanto, as regras mais científicas da crítica textual (*leges sapientioris critices*)¹¹ e não sem indicar em nota de rodapé a leitura da edição *Piana* (*neque unum iota aut unum apicem in Editione Piana mutare nisi auctoritate fretus codicum*).

Apesar de ser verdade não poderemos falar de uma edição crítica para as séries de volumes anteriores à *III Pars* (1906), a expressão “edição científica” é perfeitamente aplicável a essas primeiras publicações.

A primeira edição de 2005 da *Revue des Sciences philosophiques et théologiques* acabou de publicar um artigo de Concetta Luna sobre a história da edição leonina. Esse estudo de oitenta páginas demonstra a seriedade científica das primeiras edições Leoninas e ressalta a habilidade com que os frades do *Collegium Editorum S. Thomae* aplicaram as primeiras descobertas da ciência filológica aos textos medievais de Tomás de Aquino, que até então haviam sido principalmente desenvolvidos na revisão das edições clássicas de autores gregos e latinos e das Sagradas Escrituras¹².

Os dominicanos que trabalhavam na casa editorial certamente queriam fazer uma verdadeira edição crítica, ou pelo menos se esforçar. Preservamos uma rica correspondência entre o Vigário Geral da Ordem dos Pregadores, o Cardeal Zigliara e os Gerais Provinciais da Europa, bem como vários religiosos, entre os quais os famosos historiadores Chapotin, Balmes e Denifle, o que demonstra que os mais competentes frades dominicanos

¹⁰ “Huic Summi Pontificis desiderio ut faceret satis Magister Generalis Ordinis Praedicatorum, cui demandata est a Leone XIII cura huius novae Editionis operum s. Thomae, quosdam religiosos in scientiis simul et arte paleographica eruditos designavit, qui Bibliothecas perlustrant, codices optimae notae inquirunt, scripta s. Thomae inedita diligenter investigant, atque omnia in scripto notata aliis religiosis Romae degentibus et novam hanc editionem curantibus transmittunt”. (ed. Leon., t. 1, p. xxxvi-xxxvii).

¹¹ “Quid vero in adornando ... leges sapientioris critices inculcant” (*Ibid.*, p. xxxvii).

¹² Cfr. LUNA, C. “L’édición Léonine de saint Thomas: vers une méthode de critique textuelle et d’ecdotique”, *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 89/1 (2005), pp. 31-110.

mantiveram o esforço de promover seu trabalho de um modo científico. No intercurso de apenas três meses entre, por um lado, a publicação da Carta *Iampridem considerando* em 15 de outubro de 1879, que começou o trabalho de revisão oficialmente e, de outro, a publicação do *motu proprio* em 18 de janeiro, que determinou os três cardeais para dirigir a revisão, houve ao menos uma carta quinzenal trocada entre as instituições e os oficiais acima mencionados a quem cabia organizar a tarefa.

Uma dessas cartas é particularmente útil para mostrar que o Papa Leão XIII e os dominicanos compreendiam o trabalho a ser feito de modos diametralmente opostos. O Papa antecipou uma reimpressão da edição *Piana*, nada mais, e calculou que dois anos seriam suficientes para completar o trabalho. Por outro lado, os dominicanos, em particular o Padre Denifle, estavam em contato com os mais importantes centros acadêmicos da Europa e coletaram críticas de estudiosos acerca do projeto proposto pelo Papa. Padre Denifle repetiu suas críticas e, em uma carta ao Mestre Geral da Ordem, antes de 28 de outubro de 1880, ele escreveu: “todos os estudiosos alemães e alguns franceses que eu encontrei aqui me disseram que se o Sumo Pontífice não modificar seu projeto, nossa Ordem e o próprio Sumo Pontífice seremos, depois, prejudicados, porque as críticas, que eu mesmo já ouvi, serão dirigidas primeiro contra o Cardeal (Zigliara) e a nossa Ordem e então também contra o Sumo Pontífice¹³.”

Devemos supor que Padre Denifle era, de certo modo, o representante de uma opinião compartilhada dentro da Ordem, oposta às intenções do Supremo Pontífice; este último resolveria o problema em 1883, promovendo Padre Denifle a Prefeito do Arquivo Secreto Vaticano. Depois, em 3 de outubro de 1886, o próprio Papa Leão XIII, em uma carta ao Cardeal Zigliara, estabeleceria o plano a ser seguido na reedição da edição *Piana*, determinando que deveria ser começado pela publicação das duas *Summas*¹⁴.

Considerando que neste congresso estamos comemorando a declaração, em 4 de agosto de 1880, de Santo Tomás de Aquino como patrono de todas as universidades, academias, liceus e escolas católicas, parece-me oportuno visitar as origens da edição Leonina que, como vimos, data de 15 de outubro de 1879 e sublinhar duas coisas: antes de tudo, que o Papa Leão XIII e os

¹³ “Omnes docti in Germania et aliqui Galli, quibuscum conveni, mihi dixerunt, quod si Summus Pontifex consilium suum non mutabit, [...] ordo noster et ipse Summus Pontifex in detrimentum veniret, quia critici, ut iam audivi, primo contra Card. et nostrum ordinem insurgent et deinde etiam contra Summum Pontificem” (DE CONTENSON, p. 369).

¹⁴ Cfr. DE CONTENSON, p. 379-380. Estamos preparando uma monografia enfocando o papel dos dominicanos durante esses difíceis começos da Edição Leonina, que incluirá a publicação de novos documentos.

frades dominicanos que colaboraram com o Cardeal Zigliara conceberam de modos diversos o empreendimento de publicação que estavam iniciando juntos. E, em segundo lugar, que os frades dominicanos estavam conscientes desde o começo das exigências que a nova ciência da crítica textual demandava da edição Leonina. Se estiveram limitados a produzir uma “edição científica”¹⁵, isso foi devido, no começo, à vontade do Sumo Pontífice¹⁶.

2. A EDIÇÃO LEONINA NA ÉPOCA ATUAL

Desde 10 de junho de 2003, a Comissão Leonina para a Edição Crítica das Obras de Santo Tomás se fixou em Paris. A sede legal da Comissão continua a estar em Roma, junto com os escritórios administrativos, dos quais a Leonina diretamente depende; a sua sede principal, entretanto, está agora em Paris, onde podem fazer uso de bibliotecas especializadas e de numerosos centros de pesquisa sobre a época medieval.

2.1. A LEONINA EM PARIS: CRÔNICA DE UM RETORNO

Em certo sentido, é possível se falar de um retorno da Leonina à Paris. De fato, começando em 1º de outubro de 1952, uma seção da Comissão Leonina foi fundada em Etioilles, próximo ao *Studium* do “Salchoir”, aquela “Escola de Teologia” famosa por seu método e pesquisa e que continuou depois, através de várias iniciativas, no convento de *Saint Jacques* (Paris 13). Essa nova vizinhança foi vantajosa para toda a Comissão Leonina. De fato, foi essa seção que promoveu a reorganização do trabalho pedida pelo Capítulo Geral de 1949: uma campanha para fotografar cerca de 4000 manuscritos das obras de Santo Tomás (e também de autores contemporâneos, ou daqueles que pudessem ter servido como fontes do Aquinate), uma campanha que foi posta em prática pela equipe da Leonina.

¹⁵ Concetta Luna, no artigo mencionado, não apenas mostra a falta de embasamento da crítica de Clemens Baeumker à edição da *I pars*, mas também demonstra que a opção escolhida pelos editores da Leonina foi, em grau elevado, mais científica que a solução proposta pelo crítico Baeumker.

¹⁶ Sobre as origens da Comissão Leonina, além do artigo do Frei M. de Contenson, ver também: BATAILLON, L.-J. “L’édition léonine des oeuvres de saint Thomas et les études médiévales”, in *L’enciclica “Aeterni Patris” nell’arco di un secolo, Atti dell’VIII Congresso Tomistico internazionale*, Cidade do Vaticano, *Pontificia Accademia di S. Tommaso e di Religione Cattolica*, 1981 (*Studi Tomistici*, 10), p. 452-464; *Id.*, “Le edizioni di Opera Omnia degli scolastici e l’edizione Leonine”, in *Gli studi di filosofia medievale fra Otto e Novecento, Atti del convegno internazionale*, Roma, 21-23 setembro de 1989; Imbach, R. *et Maierù, A. (orgs.)*, Roma, Edizioni di storia e letteratura, 1991 (*Studi e testi*, 179), p. 141-154.

Além disso, o método de comparação de manuscritos foi totalmente renovado; a pesquisa histórica e de relação de códices foram providenciados e as regras da crítica textual foram adaptadas para a edição de textos medievais de várias tradições; o estudo da paleografia foi enormemente aprofundado através de estudo metuculoso e científico dos autógrafos de Tomás de Aquino: isso levou, dentre outras coisas, à publicação de textos de acordo com uma grafia que segue o uso medieval.

As obras publicadas nesse período foram as seguintes: “O Comentário sobre o livro de Jó” (1965); Os Comentários sobre duas obras de Aristóteles, i.e., a “Ética a Nicômaco” (1969) e a “Política” (1971); e os primeiros dois volumes de opúsculos (1968; 1970). À parte o Comentário sobre Jó, preparado pela seção de Ottawa e terminado em Roma, os outros volumes foram preparados pela seção do “Le Saulchoir”.

2.2. OS ÚLTIMOS TRINTAS ANOS NA ITÁLIA.

No começo de janeiro de 1973, depois do fechamento do *Studium* da Província dos dominicanos franceses em Étiolles (Paris), a seção da Leonina do “Le Salchoir” foi transferida para Grottaferrata, para onde parte da seção da Leonina de Santa Sabina (Roma) também havia sido transferida. Em Grottaferrata, os dominicanos foram recebidos pelos frades franciscanos menores, os célebres “Editores de Quaracchi”, que tiveram que deixar Quaracchi, próximo a Florença, depois das enchentes devastadoras de 1969. Os franciscanos haviam acabado de se estabelecer no sul de Roma, sobre o “Castelli romani”, na “Escola de São Boaventura”.

A colaboração com a equipe de franciscanos foi particularmente positiva e os primeiros dez anos foram coroados pela organização de um colóquio internacional, em maio de 1983, sobre a produção de *exemplar* e *pecie* manuscritos. Esse sistema medieval de reprodução manuscrita consistia em não dar o texto completo à pessoa que desejava fazer a cópia, mas sim um *exemplar*, formado de brochuras separadas chamados *pecie*. Os copistas tomavam emprestados textos divididos dessa maneira e copiariam uma *pecie* a cada vez, enquanto ao mesmo tempo outros copistas poderiam usar outras seções da mesma obra. A técnica clássica para a reprodução de um códex, entretanto, requeria que ele fosse monopolizado por um único copista que somente poderia fazer uma única cópia por vez.

É importante lembrar que a celebração desse colóquio foi a culminação de uma extensa pesquisa sobre a *pecie*, iniciada pela Comissão Leonina no começo do século. Foi em 1906, na introdução à edição do *Supplementum* da *III Pars*, quando os estudiosos da Leonina publicaram um estudo sobre a *pecie*,

que os componentes que distinguem o *exemplar* da *pecia* foram descritos com precisão. As *pecie* não foram mais tratadas como uma unidade de texto, ao contrário, foram consideradas precisamente como correspondendo a uma brochura de fólhos. Foi igualmente determinado que, geralmente, uma *pecia* consistia de dois bifólhos (quatro fólhos), apesar de algumas vezes haver *pecie* de três bifólhos¹⁷. Os resultados dessa pesquisa nos códices foram depois examinados à luz dos estatutos das universidades de Paris e de Bolonha, onde havia menções de *exemplaria* e *pecie*; a conclusão finalmente obtida era que a *pecia* servia não somente para determinar a unidade da obra do copista, mas também para proporcionar uma certa garantia de “autenticidade” do texto copiado.

As investigações posteriores dos editores da Leonina neste segundo ponto permitiram maior precisão e cautela. Entretanto, na introdução ao *Supplementum* as bases ainda eram amadoras para compreender o sistema da tradição universitária de um texto. Os estágios destes estudos sobre a *pecia* podem ser rapidamente lembrados: em 1954, graças ao Padre H. D. Saffrey – que trabalhou em estreita colaboração com a seção da Leonina do “Le Salchoir”, especialmente com o Pe. L. J. Bataillon – a edição do *Super De causis* mostrou os vários *exemplaria* simultaneamente disponíveis e a intercambialidade das *pecie*. A edição do *Super Iob* em 1965 permitiu aos editores estabelecerem que o texto da obra transmitida pelo *exemplar* não necessariamente pertencia à melhor família. O sistema de empréstimo de *exemplaria* foi estudado na introdução ao *Super Ethicam* (multiplicidade de *exemplaria*: revisão *pecia* por *pecia*) e na do *Super Politicam* (*exemplar* duplicado e *exemplar* retrabalhado).

Com essas premissas, será facilmente compreensível que a ata do colóquio ocorrido em Grottaferrata em 1983 e publicado pelo CNRS de Paris, constituiu-se a obra de referência nesse assunto aos olhos de toda a comunidade acadêmica de medievalistas¹⁸.

¹⁷ “Illa scilicet mensurae unitas, quam ratio petiae importat, existebat in exemplarium petiis tamquam in re mensurante, et quia scriptor L, occasione accepta e casu extraordinario, rem mensurantem dicit esse de sex chartis, excludit ni fallor mensuram quae supra margines exemplaris signata tantum esset; exprimit e contrario formaliter mensuram-fasciculum. Si autem haec exemplaris petia erat verus ternio, petiae ordinariae amplitudinis veri duerniones fuerunt; quae vero petiae notabiliter medium linearum numerum excedunt, terniones fuisse videntur, ita scilicet ut sextae chartae aut totae aut magnam partem albae relictas fuerint” (ed. Leon., t. xii, *II pars*, p. x).

¹⁸ *La production du livre universitaire au Moyen-Age, “exemplar” et “pecia”*. Actes du Symposium tenu au Collegio San Bonaventura de Grottaferrata en mai 1983, textes réunis par L.J. Bataillon, B.G. Guyot et R.H. Rouse, Paris: Éd. du C.N.R.S., 1988. Com relação ao papel das primeiras edições Leoninas no estudo do sistema de *pecia* ver LUNA, C. *cit.*

Durante seus trinta anos em Grottaferrata (janeiro de 1973-junho de 2003), a Edição Leonina publicou quatorze volumes. A edição de alguns textos foi iniciada e concluída em Grottaferrata; outros textos foram revisados e preparados para impressão lá.

2.3. A MUDANÇA PARA O “ESPAÇO *SAINTE JACQUES*” EM PARIS (10 DE JUNHO DE 2003).

Com a concordância da Santa Sé, a sede administrativa (cúria) da Ordem dos Pregadores promoveu a transferência da Comissão Leonina para Paris, com o auxílio da Província Dominicana da França. A Leonina se estabeleceu na biblioteca do “Le Saulchoir”, próximo à *Revue des Sciences philosophiques et théologiques*, no convento de *Saint-Jacques*.

O patrimônio da Leonina consiste antes de tudo de sua coleção de manuscritos reproduzidos em microfimes: cerca de 500.000 fotografias. Umberto Misso, um professor de Filosofia (Lógica) na Universidade de Roma 3, produziu um banco de dados pra os diferentes tipos de reproduções de manuscritos (microfilme, fotos impressas, fotos digitais, transliterações, transcrições, comparações) que constituem o tesouro da biblioteca. Estamos trabalhando atualmente em um projeto para desenvolver esse banco de dados o mais rápido possível para que ele possa estar disponível a outras bibliotecas. A biblioteca da Leonina também conserva aproximadamente 18.000 volumes, a maioria para auxiliar na produção da edição crítica: uma pequena biblioteca especializada.

Além da colaboração com a biblioteca do “Le Saulchoir” e com a *Revue des Sciences philosophiques et théologiques*, a Comissão Leonina em Paris iniciou contatos privilegiados com o “Institut de Recherche et d’Histoire des Textes” e no curso de 2004-2005 as duas instituições promoveram iniciativas de treinamento comum na produção das edições críticas de textos medievais.

Sob os auspícios do “Centre Pierre Abélard”, Paris IV – *Sorbonne*, em 13 de dezembro de 2003, o Professor Ruedi Imbach organizou um colóquio com o título de “Comissão Leonina: Filologia e História a serviço do Pensamento”. As conferências puseram a Comissão *vis-a-vis* com a história dos movimentos intelectuais em fins do século XIX e começo do XX. Ao mesmo tempo, eles sublinharam a contribuição da obra da Comissão Leonina para múltiplas áreas das ciências filológicas. Esse colóquio, além de celebrar a chegada da Comissão Leonina à Paris, também ofereceu uma ocasião para expressar gratidão pública ao Padre L. J. Bataillon, que está trabalhando há mais de cinquenta anos na Leonina, não somente pela alta qualidade científica de seus trabalhos, mas também pela alegre disponibilidade e afabilidade que

caracterizam seu estilo de ser tanto um estudioso quanto um religioso. As apresentações matutinas do colóquio foram publicadas na primeira edição de 2005 da *Revue de Sciences philosophiques et théologiques*.

2.4. TRABALHOS EM ANDAMENTO.

A preparação do volume 44/1 está muito avançada: ele contém as edições críticas de vinte e um sermões de Tomás, preparados pelo Padre L. J. Bataillon. O texto se encontra no estágio de correção de provas tipográficas. A riqueza deste volume é dupla. O primeiro, no sentido mais geral, corresponde ao estudo da pregação, principalmente nos contextos universitários, na Idade Média: a introdução geral desse volume trata de todas as coleções de manuscritos que transmitiram os sermões de Tomás, autênticos ou apenas atribuídos e, portanto, representa uma pequena introdução a esse tipo de pregação e ao método com que ele deve ser estudado. A segunda contribuição da introdução, e também da edição dos sermões em si, é revelar um Tomás não-editado: as *reportationes* de suas homilias nos introduzem a sua presença. É como se ele estivesse falando diretamente para aqueles que lêem os sermões hoje. Por outro lado, os tópicos tratados pelo Aquinate nos levam a um encontro, algumas vezes com o professor, outras vezes com o religioso e outras ainda com o *uir evangelicus*.

Outra edição que está bastante avançada na produção é a *quaestio disputata De potentia* (volume 21). Esse texto foi trabalhado primeiro pelo Padre Gallet e depois pelo Padre Gauthier, que faleceu em 1999; este último preparou o texto, mas não pôde terminar o trabalho. Falta revisar o texto e também escrever metade da introdução e metade do sistema de fontes. Apesar de não ser uma pequena quantidade de trabalho, tampouco é impossível. A equipe em Paris trabalhará junta para completar essa publicação.

As edições de várias obras estão agora em fase de revisão. De particular importância é o volume 24.3, que conterà as *quaestiones disputatae De uirtutibus in communi, De spe, De caritate, De unione Verbi incarnati e De duobus praeceptis*. A edição foi preparada pelo Padre E. Deronne, de Lovaina, e agora deve ser revisada e preparada para impressão.

Além desses trabalhos, a edição mais avançada é aquela do “Comentário sobre a Epístola de São Paulo aos Romanos”. Padre G. de Grandpré logo completará a introdução e então a obra inteira estará disponível para ser revisada e deve ser enviada para impressão em breve.

A edição dos outros comentários bíblicos não está muito avançada, com exceção do “Comentário sobre os Salmos”, que está sendo preparado pelo

Dr. M. Morard, que também preparou o texto bíblico dos Salmos comentados por Santo Tomás (1-56) e mais da metade do texto do comentário.

A edição do “Comentário à Metafísica de Aristóteles” (volume 46) está sendo preparada pelo Professor J. Reilly, que está pronto para terminar a introdução e o sistema de fontes. A revisão do texto começará em breve, porque o Professor Reilly acabou de enviar o texto definitivo e os sistemas de quase todos os livros.

Dos outros comentários a Aristóteles, a edição do *Super Meteora* (volume 3.3) está também em andamento, sob a direção do Dr. Kevin White, da Universidade Católica da América (Washington), que já havia publicado, muitos anos atrás, três capítulos inéditos do comentário ao livro dois (capítulos 13-15). A comparação sobre os manuscritos está muito avançada.

Também o trabalho de edição está ocorrendo rapidamente no “Comentário às Sentenças”. O texto do terceiro livro, preparado pelo Padre Hinnebusch, já está preparado, e o Dr. R. Wielockx, que tem que completar o trabalho, está avançando na pesquisa das fontes e na edição do texto. Padre P. M. Gils (+ 2001) preparou a edição do texto do livro II; o Padre A. Oliva está encarregado da edição do texto e o Padre Z. Pajda das fontes manuscritas. O texto do Livro IV será estabelecido durante 2005 pelo Padre W. Fauser, SJ. Ele também escreveu parte da introdução. Falta estabelecer quem estará encarregado de preparar as fontes para o quarto livro, que tem uma quantidade de palavras superior ao total dos Livros I e II.

O trabalho de edição do Livro I ainda está no estágio de comparação dos manuscritos. Padre H. Dondaine organizou uma dúzia de manuscritos que permitem seguir a formação e evolução do texto. Neste outono a edição do prólogo ao Comentário será publicada pela Editora J. Vrin de Paris, precedida por dois estudos: um sobre a tradição manuscrita do Livro I e outra sobre o ensino das Sentenças por Tomás¹⁹.

Padre L. J. Bataillon produziu algumas pesquisas preliminares sobre o texto da *Prima pars* que o permitiram identificar muitas tradições textuais: dois *exemplaria* de Paris, um napolitano e um de uma família independente. Padre W. Senner, visando a publicação da tradução alemã do tratado sobre o pecado da *Prima-secundae*, estudou a tradição impressa desta parte da *Summa*²⁰.

¹⁹ OLIVA, A. Les débuts de l’enseignement de Thomas d’Aquin et sa conception de la ‘Sacra Doctrina’. Édition du prologue de son ‘Commentaire des Sentences’ de Pierre Lombard. Paris : Vrin, 2006.

²⁰ BATAILLON, L.J. “Recherches sur le texte de la Prima pars de la Summa theologie de Thomas d’Aquin”. In *Roma Magistra Mundi. Itineraria culturae medievalis* (Mélanges L. E. Boyle, op), Louvain-la-Neuve, 1998, vol. 1, p. 11-24 ; SENNER, W. *Deutsche Thomas Ausgabe*, t. 12.

A Doutora Denise Bouthillier está preparando a edição dos volumes IV e V dos *Codices manuscripti operum Thomae de Aquino*. O trabalho dela é baseado em notas reunidas por parceiros da Leonina, especialmente por Hugues Shoener. A descrição dos manuscritos em bibliotecas de Praga e Viena já terminou (volume IV); e a descrição dos códices conservados na Biblioteca Apostólica Vaticana (volume V) está sendo empreendida.

No momento, doze pesquisadores trabalham na Comissão Leonina e três jovens frades dominicanos começaram a formação.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRÍTICA TEXTUAL.

Agora que chegamos tão longe, pode surgir a pergunta acerca de quanto tempo é necessário para publicar um volume da Edição Leonina.

Naturalmente, muitos de vocês já terão formulado uma resposta, considerando a longa lista de variantes estudadas pelo Padre R. A. Gauthier, ou a bela *stemma* das *Quaestiones de ueritate*, cada uma delas uma pequena obra de arte do ponto de vista tipográfico. Certamente, não é uma questão de responder ao problema se referindo às edições já publicadas, que constituem um modelo de aplicação de crítica textual aos textos latinos medievais. Permitam-me fornecer algumas informações sobre a tradição textual do comentário de Tomás sobre o primeiro “Livro das Sentenças” de Pedro Lombardo.

Esses são os estágios a seguir na produção de uma edição crítica de uma obra:

- (1) realizar um censo e análise de todos os manuscritos preservados;
- (2) classificação dos manuscritos de acordo com a proveniência e características;
- (3) efetuar testes (comparações) de todos os manuscritos sobre uma parte significativa do texto (ao menos 8000 palavras);
- (4) se a tradição manuscrita tem uma seção universitária, comparação (comparação mútua) de todos os manuscritos em *pecias* sempre que haja uma mudança de *pecia*;
- (5) testes possíveis de todos os manuscritos em variantes particularmente significativas;
- (6) elaboração de uma *stemma* (uma árvore genealógica dos manuscritos).

O que é uma tradição universitária de uma obra medieval? Antes, como falei sobre a história da Comissão Leonina, enfatizei o papel dessa instituição na descoberta da função da *pecia* na produção de livros medievais. Neste

ponto, gostaria de mostrar a aplicação desta descoberta para uma edição crítica.

A grande demanda por livros, originalmente por obras jurídicas e depois também por teológicas, no final do século XII e começo do XIII, fez com que os estudantes universitários desenvolvessem um sistema especial de reprodução de manuscritos. Até então, habitualmente, um manuscrito seria emprestado a um copista que o reteria pelo tempo necessário para copiá-lo. Considere-se que um copista profissional podia copiar cinco ou seis colunas de texto por dia. Isso significa que o manuscrito não poderia ser usado para estudo durante o tempo requerido para a cópia.

Para evitar esse problema, decidiu-se criar manuscritos especiais, chamados *exemplaria*, formados por brochuras, como qualquer outro manuscrito, mas agora costuradas, para que um copista pudesse tomar emprestado cada brochura separadamente. Essas brochuras eram chamadas *pecia* (“peças”) e unidas constituíam um *exemplar* (o modelo)²¹.

Eu os convido a considerar que desta inovação no sistema de reprodução do livro na Idade Média resultaram ao menos duas conseqüências importantes:

(1) antes de tudo, possibilitou copiar simultaneamente mais códices do mesmo *exemplar*;

(2) em segundo lugar, mudou a relação de cada cópia com o arquetipo do texto.

Essa segunda inovação é certamente a mais significativa do ponto de vista da crítica textual, que tenta reconstruir um texto tão próximo quanto possível do original, baseado em testemunhos dos códices conservados.

O comentário de Tomás sobre o primeiro “Livro das Sentenças” foi transmitido pelo sistema de *exemplar-pecia*. Limitando-nos à primeira *pecia*, que contém o prólogo ao comentário, comparamos todos os setenta e seis manuscritos que transmitiram este trabalho. O resultado foi a identificação de três grandes famílias, representadas em *stemma* (veja figura 1).

²¹ Como um aparte, gostaria de recordar que a Biblioteca do Capítulo da Catedral de Pamplona preserva um famoso *exemplar* do *Super III Sententiarum* do Aquinate. Ver: GILS, P.M. “Codicologie et critique textuelle pour une étude dum s. Pamplona, Catedral 51”, *Scriptorium*, 32 (1978), pp. 221-230.

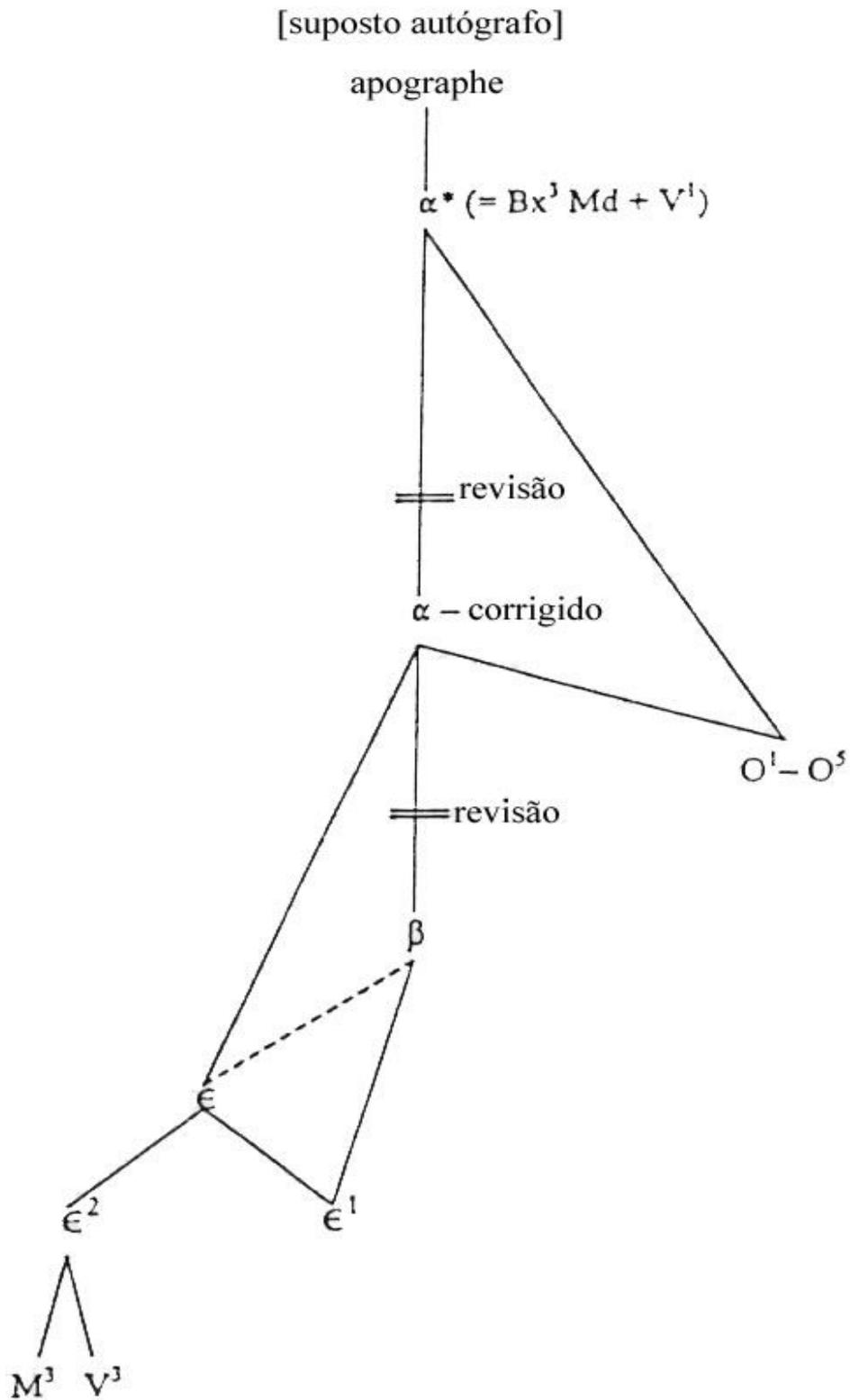


Figura 1

O que me permitiu colocar os manuscritos da família \forall (alfa) numa relação tão próxima com o arquétipo? Há uma série de variantes especiais que fornece explicações adicionais ou adições altamente significativas que marcam a diferença entre a primeira e a segunda edição do texto.

Como podemos falar de duas sucessivas edições e, além disso, privilegiar uma em relação à outra? Para explicar isso, será útil apresentar uma análise de como o próprio Tomás editou o terceiro livro das Sentenças, uma análise que vamos deduzir do manuscrito autógrafo, preservado hoje na Biblioteca Apostólica Vaticana.

Como Padre Gils demonstrou, com ampla comprovação, em seus três artigos dedicados a esse manuscrito²², Tomás fez algumas correções muito características à primeira edição desse texto. Podemos observar algumas delas no fólio 31r do códex.

Tem relação com explicações adicionadas ou pequenas correções (apesar de, às vezes, poderem ser correções muito amplas) que encontramos no códex autógrafo, escritas algumas vezes pela mão do próprio Santo Tomás, outras pela do seu secretário, como neste caso. Também é importante observar que Tomás retornou a estas passagens corrigidas de tempos em tempos novamente: portanto, podemos estar certos que estas correções têm a sua aprovação e são, por isso, variantes do próprio autor.

Esse mesmo fenômeno pode ser achado na tradição textual do comentário ao primeiro livro das Sentenças. Aqui há alguns exemplos (as referências feitas aqui são às linhas da iminente edição do prólogo²³; \forall^* (alfa)* indica a primeira versão, não revisada por Tomás):

Prol., a. 3, ad 2,1, u. 61-63:

“Et hoc usitatur etiam in scientia morali, quia operationes particularium, et circa particularia sunt, **unde per exempla particularia ea que ad mores pertinent melius manifestantur**”.

unde per exempla particularia ea que ad mores pertinent melius manifestantur] *def:* \forall^* (alfa)* (*suppl. mg. sec.m. Md*), O¹ *pr.m.* O⁵

Prol., a. 3, ad 3, u. 111-112:

²² GILS, P.M. “Texts inédits de st. Thomas. Les premières rédactions du ‘Scriptum super tertio Sententiarum’”, *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 45 (1961), pp. 201-228 ; 46 (1962), pp. 445-462 ; 609-628.

²³ OLIVA, A. *Les débuts*, cit.

“Habitus istorum principiorum, **scilicet articularum**, ideo dicitur fides et non intellectus, ...”.

scilicet articularum] *def*: \forall^* (alfa)*, Bg² Bx⁴, P¹ P⁵, mg, O⁵, F² Mo Zw : scilicet *sup.ras.* (articularum) W² : est (articularum) V²

Prolog., a. 5, resp., u. 21-23:

“modus accipiendi ista principia debet esse reuelatius ex parte infundentis **ut in uisionibus prophetarum** et oratius ex parte recipientis ut patet in Psalmis”.

ut in uisionibus ^{prophetarum}] *def*: * (*suppl. mg. sec.m.* Bx³), *pr.m.* P⁵, O¹ ac *pr.m.* O⁵ (*suppl. mg. sec.m.* P⁵, ac O⁵): *transp. ante* ex parte (= reuelatius ut in uisionibus prophetarum ex parte infundentis) W¹

Super I Sent, d. 7, q. 1, a. 2, resp., sobre a *potentia generandi*

Aqui, a primeira revisão da \forall^* (alfa)* (em itálico):

“Similiter dico quod, cum proprietates realiter sit ipsa essentia, *aliquis actus egreditur ab ipsa essentia secundum quod ipsa est paternitas et iste actus est generare*, unde principium generationis est essentiale sub ratione relationis”;

Entretanto, a versão corrigida segue aqui²⁴:

“Similiter dico quod, cum proprietates realiter sit ipsa essentia *secundum quod est paternitas est principium huius actus qui est generare, non sicut agens sed sicut quo agitur* unde principium generationis est essentiale sub ratione relationis”.

Super I Sent., d. 37, q. 3, a. 1, resp.: Vtrum angelus sit in loco

E a seguinte, a passagem corrigida do texto, \forall^* (alfa)*, não atestada na tradição impressa até a edição de Parma, inclusive²⁵:

²⁴ Ed. Mandonnet, p. 179, (o itálico é meu)

²⁵ Ed. Parmensis, p. 303a.

“Angelus et quaelibet substantia incorporea non potest esse in corpore vel in loco nisi per operationem, quae effectum aliquem in eo causat. Hoc autem contingit multipliciter”;

A versão seguinte é, no entanto, o texto autorizado por Tomás e publicado somente na edição Vivès²⁶:

“Angelus et quaelibet substantia incorporea non potest esse in corpore vel in loco nisi per operationem, quae effectum aliquem in eo *facit, vel praesidendo, vel ministrando, vel aliquo modo agendo, ut dictum est; vel etiam a corpore in ea efficitur, quae in passione spirituum solum accidit; unde de hoc nihil ad praesens. Effectum autem facit in loco multipliciter*”.

Graças ao manuscrito autógrafo do *Super III Sententiarum*, podemos identificar qual é a versão primitiva e qual a corrigida; e, naturalmente, é necessário tratar como o manuscrito corrigido como a versão autorizada por Tomás, com certeza não o primitivo. A revisão de Tomás, não apenas do fólio 31, mas também de outras partes do autógrafo, nos assegura a autoria do texto revisado.

Outra observação sobre o texto da *Super III Sententiarum*: o autógrafo só foi corrigido até a distinção 28. Depois disso, não há correções adicionais. Entretanto, a tradição manuscrita atesta uma revisão dupla, a original e a secundária. Isso significa que, no mesmo momento em que Tomás estava revisando o seu texto, uma cópia do autógrafo estava sendo preparada, o que seria o arquétipo da tradição e o seu *exemplar*. Uma vez preparado o *exemplar*, Tomás não fez outras correções ao autógrafo, que foi muito difícil de ler, mas corrigiu o arquétipo (ou o próprio *exemplar*).

Esse fato atesta o ritmo frenético em que as obras eram publicadas na Idade Média. E confirma nossa pesquisa, que nos levou a estabelecer que, em apenas um ano, Tomás comentou em classe dois livros das Sentenças de Lombardo: O Livro III (1252-1253) e os Livros III-IV (1253-1254).

Se agora olharmos a representação da família \forall (alfa) na figura 2, seremos capazes de confirmar que os três manuscritos Bx³ Md y V¹, que transmite o texto primitivo, são cópias da *pecia* número 1 do exemplar \forall (alfa). Ver Figura 2 abaixo:

²⁶ Ed. Mandonnet, p. 871. O itálico é meu.

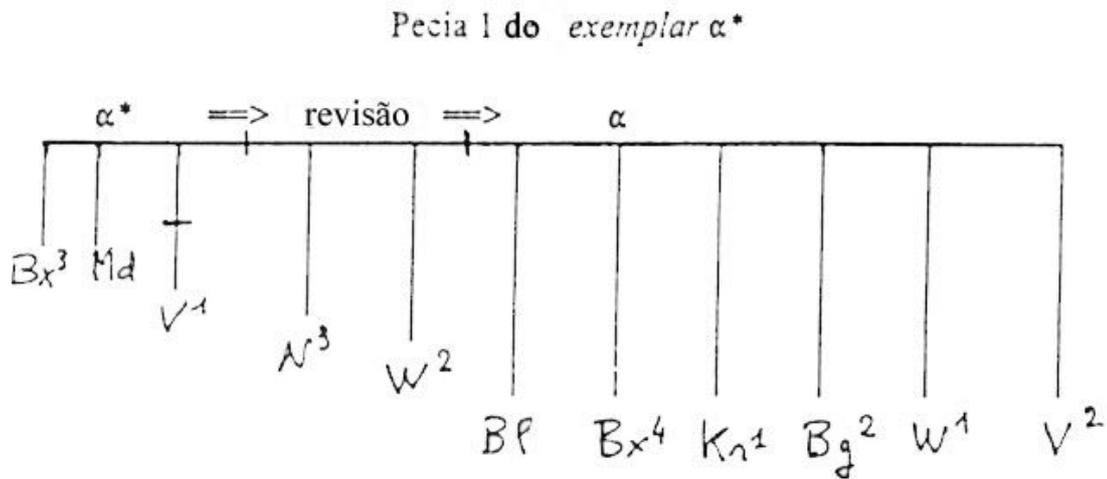


Figura 2

Nesses três manuscritos há ocorrências na cópia que testemunham com certeza a sua dependência do exemplar. Também é seguro dizer que os outros manuscritos da ∇ (alfa) foram copiados da mesma *pecia*, porque eles reagem aos mesmos erros na versão primitiva da *pecia* ∇^* (alfa)*. E isso significa que a revisão do texto foi realizada depois da primeira versão de Tomás ainda estar em circulação!

No começo dessas considerações sobre crítica textual, observei que os manuscritos copiados das *pecie* de um exemplar mantém uma relação estreita com o texto original. Durante o período em que uma única *pecia* era usada por vários copistas, os copistas faziam marcas; alguns copistas escreviam seus nomes na margem, “*Bernardus*”, por exemplo, para que pudessem lembrar onde haviam acabado de copiar; podia acontecer então que um copista posterior, quando voltasse a copiar a mesma *pecia*, pensasse que o nome é alguma *auctoritas* que deveria ser inserida no texto. Desse modo, o texto da *pecia*, mesmo aqueles próximos da origem da tradição, está exposto a uma série de corrupções do seguinte tipo²⁷:

Iamblicus ==> *Istimblicus* ==> *Istumblicum* ==> *Simplicus* ==> *Simplicius*;

e outro:

naturam-communem ==> *numeracionem* ==> *intencionem*.

Além disso, o texto de um *exemplar* pode depender, não de um arquétipo feito por Tomás ou seus secretários, mas de um manuscrito de baixa

²⁷ Cf. Ed. Leonina, t. 23, p. 31*.



qualidade, como é o caso, por exemplo, do comentário de Tomás sobre o Livro de Jó²⁸. Ao contrário do que se acreditava quando o sistema de *exemplar-pecia* foi descoberto²⁹, o fato de uma tradição textual ser transmitida por meio de *exemplar* não é realmente uma garantia de que o texto baseado no *exemplar* seja muito próximo ao original: o texto transmitido pelo *exemplar* deve ser estudado próximo àquele de todos os outros manuscritos e ser situado na totalidade da tradição textual.

Depois de ter esclarecido as características da tradição manuscrita da universidade, podemos concluir dizendo que este estudo não elimina a necessidade de por em prática as regras tradicionais da crítica textual como aplicadas a uma tradição clássica do texto. Não estamos lidando com uma *petitio principii* (no sentido negativo do termo), mas preferivelmente de alcançar, ou pelo menos olhar de relance, a origem do texto, que constitui o ideal de todas as edições críticas.

Adriano Oliva, OP
Comissão Leonina
Rue des Tanneries, 20
F – 75013 Paris
França
Email: aoliva@nerim.net

²⁸ Ed. Leonina, t. 26.

²⁹ DESTREZ, J. *La Pecia dans les manuscrits universitaires du XIIIe et du XIVe siècle*. Paris : Vautrain, 1935, 104 pp.